

A Peroba é Pau Brasil!

Maria Renata da Cruz Duran

Professora de História Moderna e Contemporânea/ Universidade Estadual de Londrina, co-fundadora do projeto de extensão A Peroba e Pesquisadora do PNAP 2022/ Fundação Biblioteca Nacional

Não se pode dizer que o rádio seja uma novidade na educação. Desde as comemorações do centenário da Independência do Brasil, em 1922, o professor Edgard Roquette-Pinto já tinha vislumbrado o potencial de difusão da cultura nacional nessa tecnologia de primeira geração. Na década de 1940 o rádio voltava à tona entre os escombros da grande guerra mundial convertendo a BBC de Londres em Open University. Da África até Israel, a tecnologia de baixo custo e acesso irrestreável suspendeu fronteiras religiosas e políticas durante as disputas que marcaram os anos 1980 e 1990. No Brasil, o projeto Minerva, a Rádio MEC e todas as rádios universitárias e comunitárias, cuja expansão atesta a eficácia da ferramenta, mantiveram a centelha acesa enquanto a internet ainda lutava para se tornar uma realidade ampla e eficaz.

Cara à cara com a pandemia de COVID-19, as universidades públicas brasileiras tiveram de assumir algumas de suas limitações: pouca ciberinfraestrutura, revelada nas limitadas bibliotecas digitais e na ausência das plataformas institucionais; um corpo técnico e acadêmico restrito e tecnologicamente pouco desenvolvido, além de um orçamento pequeno diante do volume e da escala dos problemas que se apresentavam. Sem equipamentos, nem consciência tecnológica, como fazer nossa voz chegar até os nossos estudantes? Como fazer nossos estudantes, bombardeados pelas imagens de terror que as *fake news* ajudavam a disseminar, pararem para nos ouvirem em paz? Como solapar a falta de plataformas institucionais e de bibliotecas digitais que garantissem a ciberinfraestrutura necessária para a experiência universalizante da educação? Quando a câmera se abriu dentro da vida dos estudantes, vimos pela órbita curva dos aparelhos de telefonia um ambiente doméstico pouco afeito à privacidade e à concentração que o estudo exige e entendemos que a inovação não viria das ferramentas, mas do seu uso.

A Peroba, um programa de História veiculado semanalmente na Rádio UEL, mas também disposto no MixCloud em licença aberta e fornecido aos estudantes de maneira portátil e sem necessidade de conexão via biblioteca digital em pen drive, nasceu com o Projeto de Ensino 762/ UEL, o TECHIS. Esse projeto foi criado em 2018 com a finalidade de atualizar e alinhar alguns conhecimentos tecnológicos do nosso corpo docente a fim de aproximar as atividades do curso a uma realidade mais latente da educação que implicava na circulação da História no ciberespaço. Esse projeto nasceu com a finalidade de conscientizar o nosso corpo acadêmico de que não é necessário estar na NASA pra trabalhar com tecnologia, nem para integrar a Sociedade do Conhecimento. Em 2020, o projeto se expandiu, extrapolando quaisquer previsões anteriores.

Deus ex machina. Após a análise de uma série de levantamentos efetuados pela Pró-Reitoria de Graduação/UEL e pelo Colegiado do Curso de História/UEL, o plano apresentado pelo TECHIS para o Departamento de História/UEL contava com 3 princípios: a acessibilidade dos estudantes, mediante a redução do custo das ferramentas escolhidas; a geração de material aberto, o que implicava na longevidade, interoperabilidade e no respeito à autoria das criações; e a flexibilidade, garantia do acolhimento assíncrono dos estudantes - condição para manutenção sobretudo daqueles com menos recursos financeiros. Primeiro, foi realizada uma curadoria digital para induzir uma netnografia educacional capaz de habilitar professores e estudantes à avaliação das tecnologias educacionais em curso. Depois, um projeto de extensão para cumprir a carga horária de estágio, cujo foco era o debate sobre o futuro virtual do ensino, preparando a todos para a mudança que se desenhava no horizonte. Por fim, nosso design instrucional foi modificado, as disciplinas foram blocadas para evitar o absenteísmo e promover uma espécie de imersão no universo tecnológico. Essas disciplinas também foram alinhadas em uma fórmula pedagógica comum: 4 fóruns, 2 aulas síncronas (webconferências) e 1 aula assíncrona (programa de rádio ou podcast), flexíveis o suficiente para serem acessados *on* (estudantes com acesso ilimitado à internet, equipamentos e ambiente adequados), *non* (estudantes que possuem acesso à internet, mas limitado, cujos equipamentos são limitados sobretudo para produção de conteúdo e que não possuíam as condições mais adequadas para estudo) e *offline* (estudantes sem acesso à internet, com equipamentos restritos aos aparelhos celulares, muitas vezes compartilhados e sem condições adequadas para estudo). Esse novo design instrucional permitia que a sala de aula fosse invertida e que, seguindo as orientações do cânone do ensino a distância, o professor Michael Graham Moore, o estudante, mediante a interatividade exigida pelos fóruns, fosse o centro do nosso processo educacional.

Em termos de ciberinfraestrutura, montamos uma biblioteca digital comunitária *on* e *offline*, realizando inclusive uma campanha para arrecadação de pen-drives e patenteando um programa de computador de busca dentro de nosso humilde repositório (32GB). Essa biblioteca era portátil e foi batizada como Biblioteca Benjamin Franklin, graças ao professor de Ciência da Computação, homônimo do prócer da independência estadunidense, que nos ajudou nesse processo. Um estudo sobre a legislação de direitos autorais e a adequação dos materiais de referência para os cursos às normas de utilização, difusão e reprodução desses materiais foi realizada para que nenhum direito autoral fosse ferido na composição de nossa biblioteca. Além disso, um canal para o Departamento de História no You Tube, o TECHIS/UEL, foi criado. Ali postamos sobretudo vídeos para instruir os docentes em possibilidades de uso de tecnologias simples para o incremento de suas aulas na fase 2 do enfrentamento da pandemia, quando uma maior liberdade e autonomia, em termos de design instrucional, estava prevista. Por fim, ainda subscreitos à ciberinfraestrutura, era necessário criar um meio de garantir que a nossa voz fosse ouvida para além da voracidade com que as webconferências consumiam nossos pacotes de dados e propriedades intelectuais. Era necessário garantir que nossas vozes não fossem roubadas, em plataformas cujas versões gratuitas de uso não deixavam claros os direitos autorais e a propriedade intelectual do material produzido de maneira original. Foi aí que começou *A Peroba*.

No seu primeiro desenho, *A Peroba* se dividia por áreas (Brasil, América, Teoria, Moderna, etc), 2 programas para cada uma delas, para serem utilizados de modo flexível em mais de uma disciplina, promovendo uma interdisciplinariedade sempre difícil de alcançar. Cada área contava com 3 a 6 professores com especialidades científicas e estilos didáticos muito diferentes. As disciplinas em curso atendiam uma temporalidade ampla e objetivos de ensino múltiplos. O alinhamento dentro das áreas em prol de uma economia de tempo “no ar” favoreceu um diálogo há muito cristalizado, renovando a mensagem diante da inovação do meio - se Marshall McLuhan nos permite o trocadilho. A preocupação com a publicidade da História deu, também, lugar a um debate sobre o posicionamento político e religioso dos docentes; concorreu para o aperfeiçoamento de seu conhecimento historiográfico e incrementou suas competências comunicativas e tecnológicas. Para mais, a existência de um público fora dos muros da academia, aproximou a História da atualidade, acelerando o cumprimento da legislação nacional para a área. O apelo afetivo de uma tecnologia de primeira geração fez com que os professores do Departamento aderissem tão rápida e efusivamente ao projeto. Recorrer ao rádio, uma tecnologia que todos entendiam e com a qual já tinham alguma memória sentimental fez com que muitos professores não entrassem em agonia didática. Diferente de muitas instituições, nossos professores se sentiram valorizados porque entendiam a tecnologia de partida, diminuindo sua tensão quanto ao próprio conhecimento tecnológico e ampliando sua coragem na exploração de novos desenhos instrucionais para a fase 2 do enfrentamento da pandemia, como veríamos depois. Aqui, entretanto, o seu conhecimento historiográfico se sobrepôs à tecnologia, valorizando o que considerávamos ser o mais importante: o fator humano.

Como é de se esperar do fator humano, as apropriações do programa variaram. A área de História Antiga e Medieval tendeu para uma desmistificação de seu campo de pesquisas, contornando a quebra de paradigmas com canções de um *heavy metal* e de um *new age* ainda muito vinculados com um imaginário mágico das épocas à quê se referiam. A área de História Moderna e Contemporânea procurou lidar com a retórica de seu tempo, apresentando a força escultora dos discursos mais recorrentes em canções autorais. A área de História do Brasil preferiu uma bipartição do campo e fugiu da utilização ilustrativa de canções, separando História de Historiografia e dando a conhecer o profissionalismo do historiador. A área de Teoria da História preparou uma discussão sobre a memória a partir da polemização do incêndio do Museu Histórico Nacional e do papel da juventude no futuro da nossa sociedade. A área de Ensino de História deu voz à contracultura e, apresentando o *rap* nacional, debateu a importância da literacia histórica para uma conscientização social. A área de História da América apresentou os nacionalismos latino-americanos, procurando demonstrar uma origem comum regional, ampliou os limites regionais de utilização do programa e dos modos pelos quais nossos estudantes viam a si próprios e ao Brasil no quadro mais amplo de uma pandemia mundial.

Em sala de aula, os 350 estudantes matriculados no curso de História/UEL acessaram os 12 primeiros programas de 4 formas diferentes: podiam ouvir pela Rádio UEL, todo sábado às 13h; podiam ouvir baixando os programas postados em ambiente Moodle das disciplinas; à partir da biblioteca comunitária (pela pen drive distribuída aos mais carentes e pelo acesso online, em

drive compartilhado); assim como pelo canal do TECHIS no MixCloud. Estima-se que cada estudante tenha acessado os programas de 1 a 4 vezes, dado o número de disciplinas que fazia uso dos mesmos (1-6), o número de acessos à biblioteca comum online (drive compartilhado, 2 utilizações por estudante), e o número de downloads do conteúdo no ambiente Moodle (2 utilizações por estudante em cada disciplina), resultando num total da ordem de 2.000 utilizações das 12 horas de conteúdo produzidas inicialmente. Como os programas estavam relacionados com as atividades propostas nos fóruns localizados em ambiente virtual de aprendizagem, sua aplicação foi variada. Na disciplina de História Moderna 2, por exemplo, foram recomendadas 3 formas de utilização. Primeiro, a audição do conteúdo como preparação para a leitura dos textos recomendados e posterior reflexão sobre os mesmos que tinha como objetivo a resposta à questões dissertativas. Depois, a análise das letras das canções que compunham o programa como fontes de pesquisa e interpretação dos temas abordados tanto na aula assíncrona (o próprio programa de rádio), quanto nas aulas síncronas (via webconferências). Por fim, o uso do programa como uma “aula de revisão da matéria dada” antes do exame da disciplina. Em disciplinas posteriores, a utilização do mesmo programa foi resignificada, como uma introdução à matéria de Tópicos de Ensino de História Moderna e História Moderna 3, estendendo sua longevidade para além do seu momento de produção.

Na segunda temporada do programa *A Peroba*, iniciada em novembro de 2020, duas configurações se delinearam. Uma primeira que dava continuidade à temporada inicial, utilizando os programas como ponto de apoio às disciplinas em curso. Nessa linha atuou a área de História da América que, não obstante, também diversificou os seus produtos. Entrevistas internacionais e programas temáticos, como aquele dedicado à História das mulheres latino-americanas, ganharam espaço. Por outro lado, a área de História Moderna e Contemporânea apresentou um programa sobre a bomba atômica, inserindo um diálogo entre o som e a imagem, na seleção de canções advindas da 7ª arte. Bem assim, propôs-se uma programação mais musical que falada. Em “Vieira, voz e violão”, a tese da professora Tamar Herzog, de que a colonização havia sido realizada por habitantes da zona rural ibérica para a zona rural latino-americana ecoou nas violas que entoaram o programa. Em “Canta Camões”, a atualidade do fado português com base na lírica camoninana fez reviver o destino tropical dos navegantes renascentistas.

Essa temporada ainda foi sistematicamente utilizada em ambiente Moodle, para o encerramento das disciplinas do ano de 2020. Todavia, com a qualificação dos docentes e da equipe de produção vimos um aumento de seu acesso em nossa plataforma digital, bem como ouvimos notícias de sua audição via rádio. Nessa época, fomos convidados a falar sobre nossa experiência tanto no jornal da universidade, *O Perobal*, quanto nas TVs locais, *Tarobá* e *RIC TV*. Também integrou-se o Grupo de Avaliação Educacional da universidade, aonde a exposição das estratégias TECHIS inspirou professores de outros departamentos ao uso do podcast - mesmo offline - junto aos seus estudantes.

No MixCloud, plataforma que não foi indicada como a preferência entre nossos estudantes para a audição dos programas (e razão pela qual migramos para a plataforma Anchor), foram

registrados mais de 3.000 ouvintes, com parábola ascendente nos últimos meses. Somente o primeiro programa, “Portugal entre épicos e sermões”, conta com cerca de 1.000 ouvintes. No Brasil, a maioria dos nossos ouvintes reside, respectivamente, em Londrina, Curitiba, Arapongas, São Paulo, Cambé, Apucarana, Campinas, Rio de Janeiro, Ibiporã e Maringá, para citar apenas as cidades aonde tivemos mais de 40 ouvintes. De Manaus à Pelotas, temos ouvintes. Portugal, Alemanha, Estados Unidos, Espanha, Suíça e Nova Zelândia também já ouviram *A Peroba*. Esse engajamento nos levou a desdobrar o projeto de ensino TECHIS no projeto de extensão *A Peroba*, registrado na UEL em fevereiro de 2021. Como extensão universitária, assumindo o protagonismo comunitário da universidade é que começamos a conduzir uma terceira temporada, para o primeiro semestre de 2021, e preparar mais 3 séries que deverão ir ao ar ao longo de 2021.

Na terceira temporada, focamos numa espécie de História da Música ou História Oral. Na primeira vertente, programas em que a música fictícia - música com letra ou melodia histórica, cujo ritmo desconhecido é imaginado para sua execução - ganhou espaço, como no caso dos programas sobre a revolução francesa, sobre a inquisição, o *heavy metal* de leitura medieval e nos dois programas sobre samba, conduzindo uma história desse patrimônio imaterial brasileiro; ou ainda na trilogia sobre Shakespeare, em que suas interpretações clássica e pop são confrontadas e acrescidas ainda de uma leitura feminina da obra do bardo inglês. Na segunda vertente, uma história indígena é contada em torno do mito da Acayaca, utilizando músicas e entrevistas sacadas de repositórios históricos e digitais (demonstrando alguns dos artifícios do ofício do historiador); assim como uma história da alimentação, com o programa “Música para a Ceia”, com a curadoria internacional da professora Isabel Drumond Braga; e, por fim, uma história da festa do Bumba meu boi no Maranhão que, preparada pela professora Maria da Conceição Salazar Cano, emula as festas dedicadas ao boi simulando a “playlist” da comemoração no programa de rádio. Ainda nessa temporada, um programa feito à pedido dos estudantes e fruto de uma das palestras da semana de acolhimento dos estudantes realizada em fevereiro de 2021. Em “A presença do sagrado no campo político”, uma corajosa história do protestantismo evangélico contemporâneo no Brasil e seu envolvimento com a política nacional nos últimos 10 anos.

Preparamos, ainda, 4 programas de comemoração do projeto. No primeiro, nosso ouvinte irá acessar as opiniões de 3 especialistas de renome nacional e internacional sobre o uso de tecnologias no Brasil e no mundo durante a pandemia. No segundo, um debate sobre a importância das tecnologias abertas, em termos de segurança da propriedade intelectual, manutenção da interoperabilidade dos sistemas educacionais e desenvolvimento de ciberinfraestrutura educativa e institucional. No terceiro e no quarto programas, uma história d’*A Peroba* contada por quem trabalhou mais diretamente nesse projeto: sua coordenadora, prof^a dr^a Maria Renata da Cruz Duran; seus colaboradores prof^a dr^a Mariana Oliveira Arantes, prof^o dr^o Lukas Grzybowski e, mais recentemente, prof^o dr^o André Lopes, além dos monitores-editores Dalton Santana e Gabriel Gonçalves. Entre os destaques desses 2 programas, ressalto o testemunho dos estudantes que atuaram como monitores do projeto. Para eles, *A Peroba* foi, inicialmente, um ponto de discórdia com os colegas, que procuravam resistir ao que chamavam

de “privatização da universidade pública”. No momento atual, entretanto, integrar a equipe de d’A *Peroba* lhes parece uma tomada de posição à vanguarda da educação durante a pandemia, em que mais do que seguir o fluxo das webconferências, se produziu um conteúdo original e aberto, concentrando as atenções dos estudantes na capacidade de ouvir, mais do que apenas compartilhar figurinhas engraçadas no *whatsapp*, disseminar fake news via *instagram* e treinar um discurso de ódio no *twitter*.

Em 2021 *A Peroba* foi modelada pela presença massiva dos estudantes, demonstrando que embora tenham resistido ao uso dessa tecnologia num primeiro momento, se renderam à sua eficácia como meio de divulgação simples e vasto de uma História Pública. Essa série começou com 5 programas criados e propostos por nossos estudantes mediante edital interno. Nessa série, 20 estudantes escolheram os temas mais variados para se aventurarem no rádio, alguns são subprodutos das disciplinas ministradas e/ou substratos do próprio programa *A Peroba*, o que fica patente tanto nos temas, quanto nas abordagens e até na escolha das canções. A própria concorrência ao edital já demonstra o interesse dos estudantes e a validade do projeto. Sua produção foi acompanhada e qualificada pelos coordenadores do projeto, comprovando a qualificação tecnológica promovida pela *Peroba*.

Essa qualificação foi realizada, entre outros movimentos, pela realização de 3 oficinas ao longo do projeto. A primeira teve lugar no segundo semestre de 2020, quando nossos monitores demonstraram seu *modus operandi* na edição dos programas. A segunda, realizada em maio de 2021, quando os responsáveis pelo longo podcast *Fronteiras no Tempo*, prof^odr^o César Agenor Fernandes da Silva e Marcelo Souza Silva não apenas contaram a história de seu programa para os estudantes selecionados no primeiro edital *A Peroba*, mas também os modos e a importância da divulgação científica da História em meios digitais. A terceira, também de 2021, quando apresentei às coordenadoras da Secretaria Municipal de Educação de Londrina a produção e a edição do programa no intuito de realizarmos um alinhamento de forças entre a universidade e a escola públicas regionais.

Consoante, no segundo semestre de 2021 uma série de 9 programas sobre educação e ensino de história, aonde cerca de 50 estudantes fizeram uso desse espaço para realizarem atividades vinculadas ao estágio supervisionado e ao programa de iniciação à docência foi apresentada. Os temas desses 9 programas foram pautados pelos conteúdos exigidos no ENEM e nos vestibulares nacionais, ou seja, esses programas estiveram totalmente voltados para um diálogo com o ensino médio em sua transição para o ensino superior. Por fim, num movimento alinhado à Secretaria Municipal de Educação de Londrina e ao Museu Histórico de Londrina, 3 programas sobre a história da cidade e da região deram visibilidade aos causos e contos locais, que conformam a riqueza do patrimônio nacional. Como já foi assinalado aqui, essa última série chancelou a natureza extensionista do projeto, bem como oficializou um casamento entre a universidade e a escola pública locais, comprovando sua capacidade de retro-alimentação e o protagonismo da universidade na apresentação de inovações tecnológicas para o debate educacional em sala de aula.

Na história d'A *Peroba* registramos uma preocupação humana de uso da tecnologia. Nos preocupamos com a portabilidade, a interoperabilidade, a flexibilidade, a interdisciplinaridade, a acessibilidade do conhecimento. Todos esses valores integram uma filosofia de educação aberta, que inspirou o projeto TECHIS e, depois, se prolongou n'A *Peroba*. É certo que nem toda produção intelectual pode ou precisa estar aberta, ainda não criamos dispositivos de financiamento dessa modalidade de produção a longo prazo, por isso é importante mantermos os canais financiadores da pesquisa científica, pois não se vive de *eureka*s nesse mundo. Mas também é importante estarmos atentos para a diferença entre gratuidade e abertura, entre o silêncio lacunar sobre a propriedade dos dados compartilhados e a adoção franca de um tipo de licença. A publicação do nosso conteúdo no rádio permitia, mediante pagamento de ECADI também o uso de canções protegidas por *copyright* e em muitos programas essa chancela foi essencial. A mudança implementada pela pandemia de COVID 19, entretanto, foi radical. O lançamento da plataforma *Anchor*, permitindo a combinação de diversos *streammings* e concedendo a chancela autoral redimensiona o potencial de um projeto como esse que apresentamos agora, amplificando sua reprodutibilidade. Na quintessência de nossa obra de arte, que já ensaia ancorar em novas plataformas, as vozes de nossos professores e, num futuro breve, as vozes da nossa história regional, até então relegada aos arquivos museológicos de limitante acesso físico, de limitante acesso profissional. Com alguma ajuda, poderemos dizer que o melhor ainda está por vir!

No horizonte d'A *Peroba* a qualidade de vida dos estudantes e professores sempre esteve presente. Contra a ultraexposição de ambos nas redes e às redes, com suas imagens excitantes e geradoras de uma ansiedade desnecessária num momento tão delicado como foi/é o da pandemia. À favor de um tipo de ensino que pudesse abarcar quaisquer condições econômicas ou tecnológicas por parte dos estudantes, fosse por meio do rádio ou celular, ouvir *A Peroba* sempre foi menos limitante do que acessar um sem número de plataformas com suas propagandas e cookies usuais. Nossa inovação foi a de optarmos pela simplicidade. Nosso impacto econômico foi o de não ter impacto econômico no bolso de nossos estudantes e professores. O de descansar nossos olhos cansados do borrão surreal da modernidade e abrir nossos ouvidos um para o outro.

A sinergia gerada pelo projeto é replicável nas mais variadas áreas de conhecimento e a amplitude de veículos de uma história não profissional, como aquela veiculada no *Brasil Paralelo*, bem como aquela veiculada por nós, todo sábado às 13h e com possibilidade de ampliação segundo o diretor da Rádio UEL, dada a ampla aceitação do programa, atesta o quanto há no Brasil um público ávido pela nossa história, pela História feita pelos nossos historiadores, enfim, de fato e direito, por uma história raiz.

Em 2022, a novidade d' *A Peroba* é sua união com a Fundação Biblioteca Nacional mediante o projeto "A Peroba é Pau Brasil". Nesse projeto, coordenado pela professora Maria Renata da Cruz Duran, pesquisadora PNAP/FBN 2022, 14 programas sobre a Independência do Brasil deverão ser colocados no ar, tanto na Rádio UEL, quanto na Rádio Roquette-Pinto. Nessa

nova fase, *A Peroba* assume seu papel como produtora de uma História Pública, bem como passa a atender um público nacional. Não obstante a ampliação via rádio, uma ampliação da divulgação digital mediante uma parceria com o podcast *Fronteiras no Tempo*, com cerca de 50 mil visualizações em cada episódio, se encontra em desenvolvimento para os episódios dessa temporada. A programação dessa nova fase d' *A peroba* é a seguinte:

Programação d' *A Peroba* é Pau- Brasil

Data	Tema	Convidados
03/09	Fontes Históricas x Fake News	Maria Renata da Cruz Duran
10/09	A presença do sagrado no campo político	Wander de Lara Resende
17/09	Cinema e Independências	André Lopes
24/09	Marchas para a revolução	Maria Renata da Cruz Duran
01/10	Sermão de Aclamação	
08/10	Sermão de Coroação	
15/10	D. Pedro I, libertador	Orquestra Sinfônica UEL
22/10	Música brasileira no período da Independência	Lino de Almeida Cardoso
29/10	Na vitrola de d. Pedro I	Fabio Fulanete
05/11	Outras Independências	Hendrick Kraay/Calgary; Carolina Lima/UFBA
12/11	Direito à Independência	Renata Fernandes/UFG Andrea Slemian/UNIFESP
19/11	A História da História da Independência	Hevely Ferreira Acruche/UFJF, Duília de Mello/UCW
26/11	Independência x Liberdade	Gilberto Guizelin
03/12	2022, um balanço	César Agenor Fernandes da Silva
10/12	Música brasileira no período da Independência	Lino de Almeida Cardoso
17/12	Na vitrola de d. Pedro I	Fabio Fulanete
24/12	Ensaio de Orquestra	Evandro Rodriguese

De uma maneira mais específica, o programa apresentado foi narrado em seu último episódio nas seguintes palavras:

Locução do programa final da série

2022 foi o ano do Bicentenário da Independência do Brasil e o que isso significou? Nessa mini-série dentro d'A peroba eu, Maria Renata, sua professora de História Moderna e Contemporânea, tentei guiá-los nessa efeméride da Independência.

A importância de um momento histórico como esse de celebração da Independência, como vocês sabem, ultrapassa as bolhas de informações em redes sociais e pode ser extremamente útil para o combate às Fake News. Quando compartilhamos o acesso a um mesmo conjunto de dados, é mais difícil distorcermos os discursos, nossos e dos outros. É assim que a garantia da liberdade começa com a garantia do livre acesso à informação.

O 1822 em 2022 ganhou portanto uma importância enorme, não apenas pelo peso da Independência, mas também pela necessidade de consciência histórica que o ano de 2022 exigiu de todos nós brasileiros.

Antes de começar propriamente, fizemos uma revisão da matéria. Como vocês sabem, caros ouvintes, esse é um programa de professores para professores e nossa intenção é ajudar aqueles que estão na sala de aula a comporem seus materiais de aula, então, sim, é verdade, assumimos, mas com muito gosto, o tom professoral de nossas atividades.

Nessa revisão da matéria, ouvimos novamente o programa do professor Wander Lara Resende sobre as políticas culturais das Igrejas evangélicas no Brasil, que se aprofundaram em torno da História da Independência; o programa do professor André Lopes, sobre as Independências na América Hispânica de acordo com o cinema, para termos pontos de comparação; e o programa da professora Maria Renata, sobre a revolução francesa, movimento que inspirou o ideário das independências americanas.

Depois disso, começamos nossa série propriamente dita, entendendo que com o advento do estudo acurado e profissional de fontes históricas, muito além das batalhas de narrativas você, ouvinte, também pode tirar suas próprias conclusões sobre a História, mas de uma maneira mais séria, mais consciente. História não é copa pra cada um ter uma opinião e depois tudo acabar em pizza. A maneira como vemos o passado influencia sim o nosso futuro.

As fontes que utilizamos aqui foram sermões. Com esses sermões aprendemos várias coisas, destaco duas: primeiro que religião e política sempre estiveram juntos no Brasil, segundo que a flexibilidade mística da Bíblia, quando lida em português, parece ter sido constantemente utilizada para crucificar ou coroar o messias da vez.

Ainda sobre esse tipo de fonte histórica, os sermões, eu gostaria de lembrar uma frase de Fábio Quintiliano: o melhor do orador morre com ele, dizia referindo-se ao fato de

que mais do que um texto, um sermão é uma interpretação é um ato de fala, político, porque intencional, como todos os atos de fala. Em tempos de internet, entretanto, a eloquência promete durar, o que talvez não seja exatamente um benefício para os muitos pregadores do Tik Tok.

Aqui, os sermões que ouvimos foram poucos, diante dos também tantos pregados na época da Independência. O de aclamação e o de coroação são incontornáveis. O primeiro oferecia um reino a um príncipe, o segundo oferecia um imperador a uma colônia. Forjando futuros em fumaça sagrada, os pregadores profetizaram uma História do Futuro, enquanto outras fontes também nos alegraram.

Tivemos três programas sobre a música no período da Independência. O primeiro, criado a partir do programa especial da Orquestra da Universidade Estadual de Londrina em comemoração ao Bicentenário da Independência do Brasil. Apresentado no Teatro Ouro Verde, o programa foi traçado pelo maestro Evandro Rodriguese e destacou a importância da cultura musical de d. Pedro I, que ele chamou de “O Libertador” ou “O Rei-Soldado”, tal como ficou conhecido em Portugal.

Na sequência, dois convidados especialíssimos dedicaram seu tempo a nos ensinar algo sobre a música durante o tempo da Independência. O primeiro convidado foi Lino de Almeida Cardoso, que além de doutor em História Social pela USP, trabalhou na Rádio Cultura FM. O segundo convidado foi o professor do Departamento de Música da UEL, Fábio Fulanette, que montou um programa sobre os hinos de Independência nas Américas e suas inspirações para o hino brasileiro.

Por fim, nos dedicamos à debater a Independência com grandes pesquisadores do Brasil e de fora do Brasil. Começamos com um programa sobre quais os principais personagens da Independência, assim como aonde ela começa, ou seja: na escola, lugar aonde todos ouvimos o que foi a Independência pela primeira vez. Os professores Hendrick Kraay, da Universidade de Calgary, no Canadá, e a professora Carollina de Lima, da UFBA foram nossos convidados.

Depois, discutimos o nosso direito à independência, bem como quais direitos e para quem a Independência trouxe direitos, com a presença das professoras Andrea Sleman/UNIFESP e Renata Silva Fernandes/UFG.

Passamos então a um importante debate sobre como se escreveu a História da Independência nos livros e nas relações internacionais e qual a importância do acesso ao conhecimento para a manutenção de qualquer tipo de independência. A historiadora Helly Acruche/UFJF e a astrônoma Duília de Mello, da UCW, irão guiar esse nosso debate.

Por fim, o professor da UFPR Gilberto Guizellim, nos apresentou um debate essencial para a Independência: como nos tornamos livres mantendo nosso povo escravo? Ao colocar esse debate no ar, eu queria provocá-los a pensarem se a nossa Independência significou também a nossa Liberdade. Isso porque no final das contas enquanto a História se submete ao Tribunal da Posteridade, nós nos submetemos ao Tribunal das nossas próprias consciências.

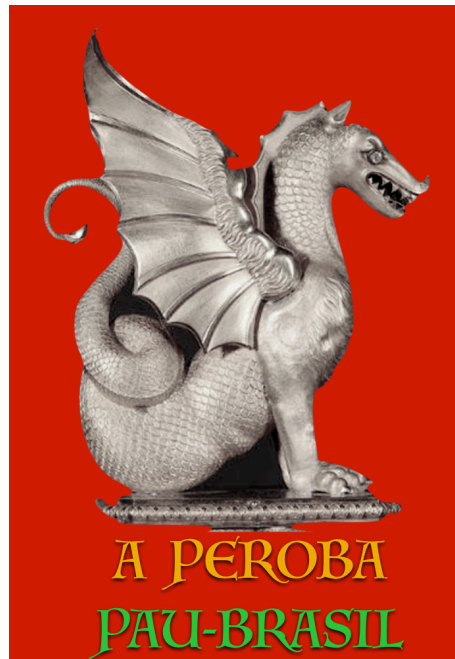
Ao longo dos 13 programas que compuseram essa mini-série até aqui, nós pudemos refletir juntos sobre as formas de apropriação de um processo histórico, de análise de uma fonte histórica, de composição historiográfica e de discussão de um tema dessa natureza.

Dessa vez, eu repeti as introduções e conclusões várias vezes. Não apenas porque a voz me falta e eu quis economizar as gravações, mas também porque no ano de 2022 compreendi que a historiografia só se torna História na escola, na rua, no zap quando repetida até que seja lembrada.

É claro que a qualidade de nosso resultado final tem haver não apenas com a democratização da ciência propiciada pelo rádio, mas também com o investimento em pesquisa que vocês poderão ver materializados no dossiê de setembro de 2022 da revista Antíteses/UEL, aonde não apenas os pesquisadores que estiveram aqui n'A peroba, mas. Vários outros, apresentaram contribuições inovadoras e muito mais aprofundadas ao tema.

No programa de hoje, além desse balanço geral que acabei de fazer, vocês irão acompanhar ainda algumas das idéias de nossos entrevistados que não foram completamente exploradas nos programas anteriores. Para finalizar, também contaremos com um pequeno comentário do professor doutor Cesar Agenor Fernandes, do podcast Fronteiras no Tempo, mas também da UNICENTRO. O professor é pesquisador das chamadas História Pública e História Digital. É a partir dessas linhas de pesquisa que ele nos apresenta o seu balanço de um 2022 sobre 1822 e nos responde à pergunta: como 2122 irá avaliar a nossa percepção da Independência? Entre os modernistas de 1922 e os militares de 1972, qual será o nosso lugar na História?

Não obstante, a identidade visual do projeto, é a seguinte:



Arte: Maria Renata da Cruz Duran

A imagem utilizada como referência para esse projeto é um detalhe do cetro de d. Pedro I, elaborado especialmente para sua sacração como Imperador, efetivada na Capela Real, em 1 de dezembro de 1822. Com desenho de Jean Baptiste Debret e execução do ourives fluminense, Manuel Inácio de Loiola, o cetro fazia parte de um cerimonial meticulosamente orquestrado por José Bonifácio de Andrada e Silva. A serpe representada no cetro é uma espécie de dragão que, sem as patas traseiras, raramente cospe fogo. Note-se que o cetro, instrumento que deveria contribuir para que o Imperador guiasse o povo que governava, na época do primeiro d. Pedro, ainda não tinha os olhos de diamante que receberia na coroação do segundo d. Pedro. Guiados por um cetro cego, iremos dar voz a uma História da Independência menos banhada a ouro e mais talhada pela nossa madeira.

Para acompanhar A Peroba é Pau Brasil, acesse:

A PEROBA no MixCloud: <https://www.mixcloud.com/TECHIS/>

A PEROBA no Anchor: <https://anchor.fm/aperoba>